

“Dois Perdidos Numa Noite Suja”

— de Plínio Marcos —

PROMOÇÃO: Diretório Acadêmico Sto. Agostinho

Salão de Atos da Faculdade de Filosofia

D. Helder acha que “Dois Perdidos” vale mais do que vinte sermões

Depois de assistir, no Teatro Santa Isabel (Recife) à peça Dois Perdidos numa noite Suja, o arcebispo de Olinda e Recife, dom Helder Câmara aplaudiu de pé os alôres e afirmou que água-forte assim, vale mais do que dez conferências e vinte sermões.

O arcebispo, logo que chegou ao Teatro, foi cumprimentado por diversas pessoas e não pagou nada porque recebera, antes, um convite. De uma das frisas, dom Helder, acompanhado de três senhoras, assistiu a toda a peça e a aplaudiu demoradamente saindo depois para os bastidores, a fim de cumprimentar os artistas.

É disse, na ocasião, «os artistas que criaram Navalha na Carne, em Dois Perdidos numa Noite Suja, continuam Navalhando a insensibilidade da gente. Como tudo é vivido e real! Água forte assim vale mais do que dez conferências e vinte sermões.»

G.

Plínio Marcos

recebeu os seguintes prêmios

- Governador do Estado do São Paulo
Yásigi
 - Moliere do Rio de Janeiro
 - Moliere de São Paulo
 - Associação de Críticos do Estado de São Paulo
 - Air France
 - Melhor Autor (Academia Brasileira de letras)
-

Obs. - Este espetáculo completou em Pôrto Alegre, 1200
representações.

TEATRO
comunicado
ao
vivo

Há algum tempo atrás, êle não existia para o público. De repente, quatro peças, quatro casos com a censura, muita polêmica, muito sucesso: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", "NAVALHA NA CARNE", "HOMENS DE PAPEI" e "QUANDO AS MÁQUINAS PARAM". Ninguém tem mais dúvida, Plínio Marcos é a nova moda teatral. Pelo que escreve e pelo que é: o oposto e intelectual bem pensante e bem nascido.

E é êle mesmo quem diz: "O teatro foi a forma que encontrei para dar testemunho a respeito do mau tempo em que vivemos. Falo de gente que conheci e que conheço, gente que está amesquinhada por gente. Gente que vai se perdendo. "Meu teatro é só isso. Apresento fatos como um repórter. Conheço os fatos e não sei a solução. O recado que tenho para dar é êste: há gente por aí se danando. Meu ideal é conseguir fazer as platéias pensarem na solução do problema dessa gente, problema que deve ser o de todos nós." Não faço teatro para o povo, mas o faço em favor do povo. Faço teatro para incomodar os que estão sossegados. Só para isso faço teatro. Escrevo muito depressa porque escrevo com raiva do estado em que se encontra o povo brasileiro, da missão dos políticos, diante dos problemas gerais. Como não tenho muita preocupação em cuidar da dramaturgia e outros retoques, não demoro muito a concluir um texto que não é rebuscado. Faço questão de deixar bem claro, o que quero dizer. "HOMENS DE PAPEI" foi escrita em três noites e "QUANDO AS MÁQUINAS PARAM" em uma noite. Moro numa casa muito apertada e meus dois guris não me deixam trabalhar de dia. Só mesmo de madrugada, depois que êles pegam no sono. Sei que muita gente acha ruim minhas peças geralmente são curtas. E daí? Se posso dar o meu recado rápido, porque haveria de ficar enrolado? Nada disso. Não estamos aqui para agradar. Estamos para colocar um problema sério. E o colocamos em sessenta ou oitenta minutos. O resto do tempo esperamos que nosso público gaste em resolver o problema que exige urgente solução.

Minha biografia? Nasci em Santos em 1935. Só de primário fiz dez anos. Depois disso entrei no jôgo Fui funileiro, jogador de futebol, soldado, palhaço de circo, camelô, biscateiro do cais, operário de uma fábrica de fogão. Minha primeira peça foi "Barrela", premiada em um festival de estudantes organizado pelo Pascoal Carlo Magno. E já deu um nome monte de bronca com a censura. Depois escrevi "Os Fantoches", que foi um fracasso total. Daí deixei êsse negócio de escrever e me mandei pelo interior, vivendo de expediente e futebol. Quando voltei a São Paulo, me liguei com o pessoal do C. P. C., onde conheci a Walderez que me deu nôvo embalo. Escrevi e montei "Quando os navios atracam". A peça passou desapercibida, porém eu me dei bem como ator. Entrei para a Companhia de Cacilda Becker, onde fiz "César e Cleópatra" como figurante. Logo Cacilda e Walmor me deram uma colher de chá e fiz o Juca afogado na peça de inauguração do meu camaradinho Lauro César Munir. "O Santo Milagroso". Daí veio "Onde Canta o Sabiá" e eu fui para o vinagre. A crítica me malhou bem. Peguei meu boné e fui cantar noutra freguesia. Andei me virando na parte administrativa de várias companhias. Teatro de Arena, Grupo Opinião, Companhia Nídia Lícia. Mas sempre escrevia e a censura sempre proibida. Por isso não foram a cena "Jornada de um imbecil até o entendimento" e "Reportagem de um tempo mau". Já estava na pior das piores, quando escrevi "Dois perdidos numa noite suja". Aí, começou a chover na minha horta. Escrevi peças para: "Navalha na Carne", "Dia Virá", "Quando as máquinas param", "Balbina de Iansã" e "Homens de Papel".

Hoje em dia as perspectivas são melhores, mas não sei direito quanto ganhei com tudo isso. Só se que está dando para pagar o aluguel com mais folga".

D. Helder acha que "Dois Perdidos" vale mais do que vinte sermões

Depois de assistir, no Teatro Santa Isabel (Recife) à peça Dois Perdidos numa noite Suja, o arcebispo de Olinda e Recife, dom Hélder Câmara aplaudiu de pé os atores e afirmou que água-forte assim, vale mais do que dez conferências e vinte sermões.

O arcebispo, logo que chegou ao Teatro, foi cumprimentado por diversas pessoas e não pagou nada porque recebera, antes, um convite. De uma das frisas, dom Hélder, acompanhado de três senhoras, assistiu a toda a peça e a aplaudiu demoradamente saindo depois para os bastidores, afim de cumprimentar os artistas.

E disse, na ocasião, «os artistas que criaram Navalha na Carne, em Dois Perdidos numa Noite Suja, continuam Navalhando a insensibilidade da gente. Como tudo é vivido e real! Água forte assim vale mais do que dez conferências e vinte sermões.»

G. E. 14 de Julho

Saída Universitários



TEATRO
comunicação
ao
vivo